



## O SUJEITO CRIATIVO NO MUNDO DO CAPITAL: A ALIENAÇÃO PRODUTIVA E A OCULTAÇÃO DE OUTROS ESPAÇOS POSSÍVEIS

Gabriela Furtado Nascimento <sup>1</sup>

### RESUMO

Neste artigo buscamos analisar a crise urbana contemporânea a partir de um diálogo entre a hipótese da urbanização total da sociedade, desenvolvida por Henri Lefebvre, e a teoria da alienação marxista. A proposta é trazer o sujeito para o centro da análise sobre a produção do espaço e pensar de que forma o movimento do capital nas relações sociais aliena o sujeito em relação ao seu papel criador, ou seja, de que forma ocorre o estranhamento do sujeito em relação ao espaço que ele mesmo produz. Nesse processo alienante, os sujeitos do espaço não se reconhecem mais neles mesmos.

**Palavras-chave:** Produção do espaço, Alienação, Utopia, Sujeito Criativo.

### RESUMEN

En este artículo buscamos analizar la crisis urbana contemporánea a partir de un diálogo entre la hipótesis de la urbanización total de la sociedad, desarrollada por Henri Lefebvre, y la teoría de la alienación marxista. La propuesta es llevar al sujeto al centro del análisis sobre la producción del espacio y pensar cómo el movimiento de capital en las relaciones sociales aliena al sujeto en relación con su papel creativo, es decir, cómo se produce la extrañeza del sujeto en relación con el espacio que él mismo produce. En este proceso alienante, los sujetos del espacio ya no se reconocen a sí mismos.

**Palabras clave:** Producción espacial, Alienación, Utopía, Sujeto Creativo.

### INTRODUÇÃO

Atualmente, contribuições como as de David Harvey, Jorge Grespan, Ana Fani Carlos, entre tantos outros teóricos, afirmam a existência de um processo capitalista resultado de formas sociais historicamente específicas. Os mesmos também destacam que no final do século XX e no início do século XXI, o sistema capitalista se vê em uma

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da PUC-Rio. Integra o Núcleo de Estudos e Pesquisa em Espaço e Metropolização (NEPEM) - RJ, gbfurtadonascimento@gmail.com.



crise profunda, exigindo novos espaços de circulação para a contínua necessidade de reprodução do processo de valorização do capital.

Segundo o filósofo Henri Lefebvre (1991,1999, 2008), a produção do espaço se torna essencial para o capitalismo pois é através dela que a reprodução das relações sociais de produção se expande. Nesse processo, o espaço é inserido na lógica capitalista de produção e é transformado em mercadoria. A partir da produção do espaço urbano, torna-se possível a circulação e a produção de novos capitais, e, mais do que isso, ocorre a possibilidade de absorção de excedentes do processo de acumulação capitalista.

O espaço, então, passa a ser a chave para o desenvolvimento do capitalismo contemporâneo. Por entendermos que o espaço implica, contém e dissimula as relações sociais, o processo capitalista encontra nele possibilidades ainda mais profundas. A mobilização do espaço pelo capital viabiliza a generalização das relações capitalistas para além da fábrica, fazendo com que a lógica do capital invada a vida, transformando o cotidiano em um produto do processo de mundialização do espaço como mercadoria.

“A re-produção das relações de produção não coincide mais com a reprodução dos meios de produção; ela se efetua através da cotidianidade, através dos lazeres e da cultura, através da escola e da universidade, através das extensões e proliferações da cidade antiga, ou seja, através do espaço inteiro” (LEFEBVRE, 2008, p.47)

Partindo da hipótese da urbanização total da sociedade desenvolvida por Lefebvre, ao olharmos para a vida cotidiana fragmentada e sem sentido, entendemos que o conceito de alienação desenvolvido por Marx extrapola a produção fabril e invade o dia a dia das pessoas. A reprodução da lógica do capital toma conta dos sujeitos em forma de alienação profunda a partir do processo de produção do espaço urbano.

O conceito de alienação é fundamental na obra marxiana porque é a alienação do ser da sua própria função de produtor que possibilita o funcionamento da estrutura capitalista ao impossibilitar a revolta dos produtores. Olhando para a organização capitalista de produção, em seus Manuscritos econômicos e filosóficos de 1844, Marx dá destaque ao processo de produção, afirmando que no capitalismo a produção não é apenas a produção de um objeto, mas de um objeto que é estranho ao produtor.



É nesse processo que centramos a problemática deste artigo. O que nos interessa não é somente o movimento do capitalismo, mas, sim, os processos de ruptura no ser e no espaço que ele provoca. Dessa forma, buscaremos analisar a crise urbana contemporânea a partir da teoria da alienação marxista. A proposta é trazer o sujeito para o centro da análise sobre a produção do espaço e pensar de que forma o movimento do capital nas relações sociais aliena o sujeito em relação ao seu papel criador, ou seja, de que forma ocorre o estranhamento do sujeito em relação ao espaço que ele mesmo produz. Nesse processo alienante, os sujeitos do espaço não se reconhecem mais neles mesmos.

No capitalismo, a produção de uma cadeira, por exemplo, é invisibilizada em detrimento do destaque do seu valor de uso. A vitrine dá destaque ao objeto da cadeira enquanto o sujeito que a criou e o seu fazer são excluídos. Dessa forma, é criada uma concepção do fazer como algo independente de seu fazedor. Entretanto, a alienação vai além da ocultação individual: o fluxo social envolvido na produção da mercadoria também é ocultado. O indivíduo, já separado do produto que ele próprio produziu, é também separado do seu coletivo, da sociabilidade da produção, e, além de não se reconhecer nele próprio, se vê isolado do fluxo social, de uma ideia de “nós”.

Nesse processo, a vida humana e sua potência criadora e plural é ocultada e impossibilitada. Outras realidades possíveis e impossíveis se rompem, fazendo com que sequer possam ser imaginadas relações sociais que não sejam mediadas pela forma mercadoria. A vida se fecha em um apertar de botões sem fim. O fim do mundo nos parece mais próximo do que o fim do capitalismo. Entretanto, ao entendermos que a transformação do espaço e a da vida caminham juntas, novas possibilidades podem surgir.

Pretendemos, neste artigo, trabalhar com a tensão entre urgências e utopias na produção do espaço. Olhando para a alienação da produção capitalista a partir de outro ângulo, pretendemos buscar caminhos para desvirar o “mundo encantado e invertido de cabeça pra baixo” (MARX, 2011, p.280) ao destacarmos as múltiplas potências do sujeito criativo.

Nas ruas, nas praças, nas favelas e nas universidades, a busca por formas de enfrentamento à exclusão do sujeito na produção do espaço produzem movimentos.



Movimentos sociais ocupam as ruas com seus fazeres criativos, usando do espaço do encontro, um espaço para reafirmar seu lugar de sujeitos e compreender a potência que nós, sociedade, temos em relação à produção do espaço que habitamos. Os exemplos de manifestações práticas da luta pelo direito à cidade são muitos e ao redor de cidades do mundo todo.

São percebidas insurgências de diferentes escalas e tamanhos, no cotidiano, em cada pequeno aspecto da vida, mas também movimentos que param cidades inteiras. Esses gritos contra nos mostram que algo além do que nos é imposto já existe em nossas subjetividades e em nossas mentes. Movimentos como “Passe Livre”, “Primavera Árabe”, “Occupy Wall Street”, “Indignados” e os protestos de 2021 no Chile expressam diferentes lutas contra o sistema capitalista contemporâneo. Toma-se o espaço como forma de contestação e rebeldia, destacando a impossibilidade da vida em uma realidade urbana em crise.

Para este artigo é determinante a reflexão sobre o objeto do sujeito para uma análise da produção do espaço. Para isso, recorreremos ao geógrafo Elias Lopes de Lima, que desenvolve em seu livro *Encruzilhadas geográficas* a compreensão de que a Geografia se depara com uma encruzilhada metodológica no momento atual. Para irmos ao encontro de outros caminhos e novos horizontes, ele afirma que é determinante contemplar os sujeitos e suas subjetividades na produção do conhecimento, que, ao projetarem algo além na imaginação, transformam e compreendem o espaço, desenvolvendo novas aberturas à pesquisa geográfica. Buscando criticar o cientificismo que objetiva os sujeitos, segundo ele, presente nas correntes teóricas sociais da Geografia, ele identifica uma revalorização do conhecimento através das teorias da produção social do espaço.

Parece impossível irmos atrás de qualquer leitura do espaço sem dialogarmos com o sociólogo e filósofo Henri Lefebvre. A partir de seus pensamentos é possível compreendermos que a ideia de espaço, tempo e sociedade são intrinsecamente ligadas. Dentro desse debate, o autor traz interessantes contribuições para uma corrente filosófica que busca desenvolver historicamente a Geografia a partir de uma contínua relação entre a teoria e a prática. Olhando para Paris nos anos 60, Lefebvre percebe que o sentimento de perda provocado pelas diversas demolições de quarteirões inteiros e o



medo das repressões policiais, além do sufocante aumento do desemprego, causava um imenso mal-estar (HARVEY, 2014).

Perante essa realidade, o pensador desenvolve uma teoria social que compreende que a totalidade da humanidade está continuamente sendo absorvida pelas características de uma vida urbanizada, chegando a um ponto em que a luta é motivada pela impossibilidade de viver. Desenvolve-se assim a sua teoria da urbanização geral, olhando para o urbano como uma possibilidade não realizada, como um horizonte possível e, dessa forma, passível de mudança.

Ao buscarmos compreender melhor os homens e as mulheres no processo histórico dialético, são identificadas contribuições significativas de cunho marxista ao campo da subjetividade. Ao superar o dualismo “sujeito x objeto” e “subjetividade x objetividade”, Marx e Engels contribuem com a teoria da alienação para um debate aprofundado sobre o processo de dessubjetificação que o capitalismo provoca. De forma simplificada, compreende-se a alienação como um distanciamento do sujeito em relação a sua própria subjetividade, produzindo um estranhamento com sua existência humana e social. Baseada na alienação do trabalho, a atividade de produção capitalista empobrece a subjetividade, induzindo o sujeito a uma vida alienada, que não permite uma identificação a coletividade que ele está inserido, e nem mesmo a sua própria potência criadora.

Dentro desses objetivos, a ideia é dialogar com os debates do espaço e do sujeito nas teorias críticas da Geografia e relacionar contribuições de diferentes autores sobre esse tema. As contribuições da teórica Doreen Massey também são determinantes para irmos ao encontro de outros espaços possíveis, ao compreendermos o caráter múltiplo e aberto da produção do espaço social. Por estar em constante devir, o espaço é também o meio para projetos outros, que caminham para produções desalienadoras.

De fato a teoria marxista contribui e domina tais discursos a partir de seu caráter dialético e crítico. Teremos, porém, a preocupação de ir além de um dogmatismo ortodoxo dos escritos de Marx. Mobilizando as temáticas ditas “marxistas” na problemática do capital, buscaremos uma maior compreensão sobre os temas propostos com o objetivo de nos aprofundarmos e destacarmos a crítica marxista ao capitalismo.



Ao buscar compreender a objetividade social a partir da subjetividade, Marx é usado como base para o estudo do processo de produção do espaço contemporâneo.

Seguindo o caminho do pensador Karl Marx, pretendemos ir em busca de um pensamento que torne possível a abertura para outras realidades. Dessa forma, é imprescindível utilizarmos como aporte teórico trajetórias de cunho crítico radical (no sentido de ir à raiz).

O termo “crítica” certamente possui muitos sentidos. Entretanto, sua essência aponta para o fato de que não é possível mostrar como as coisas são, senão a partir de como deveriam ser. Nesse sentido, a crítica revela o possível do real. Um ponto de vista, ou melhor, uma visão de mundo crítica, nesse sentido, está associada ao pressuposto utópico de perceber que o que existe está como inacabado, e se inacabado, está preñado de possibilidades outras. (BENEDITO, 2013, p.63)

## **METODOLOGIA**

Como se pode perceber, este artigo tem como base fundamentos teóricos que tocam diferentes áreas do saber, sendo a Geografia a norteadora dos questionamentos a serem levantados. Desse modo, o artigo tem como método principal a leitura e análise de textos teóricos. Os movimentos políticos destacados nos servirão mais para aprofundar as reflexões teóricas pretendidas do que para explicar ou dar conta da multiplicidade de casos que dialogam com o tema proposto. Assim, buscamos nos amparar nos pensadores citados para desenvolver um estudo da problemática proposta. O método de trabalho, portanto, se dá a partir da apreensão desses conceitos e do levantamento de possíveis exemplos que ilustrem o que pretendemos trazer a partir da teoria.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O tema deste artigo é o ser humano, dotado de subjetividade, como sujeito da sua própria realidade geográfica. Seu caráter criativo é capaz de ir além da objetividade colocada pela realidade histórica, tornando-o não só um objeto pensante, mas um ser diretamente vinculado à dinâmica da produção social do espaço. Em resposta a isso, são identificados movimentos na geografia crítica marxista que buscam ir contra o



cientificismo nos objetos de análise, olhando para a realidade como uma multiplicidade de subjetividades sociais sempre em desenvolvimento. Dessa forma, centralizar o sujeito e sua atividade criativa nos estudos sobre a produção do espaço torna-se extremamente importante para a compreensão da espacialização nos dias atuais.

De fato, os desdobramentos dessa retomada são muitos, entretanto, nesse artigo, buscamos olhar para o processo capitalista a partir de uma suposta ocultação do sujeito criativo, identificando o que o distancia de sua intrínseca ligação às relações sociais produtivas. Dentro de um sistema que aliena, é determinante buscarmos esse caminho para pensarmos em uma outra realidade possível, que vá além das relações capitalistas. Toma-se alienação como o termo que Marx utiliza para descrever a ruptura do fluxo social, categoria fundamental

em O capital:

A alienação do trabalhador no seu produto significa não somente que seu trabalho se converte em objeto, em uma existência externa, mas que existe fora dele, independentemente, como algo estranho a ele, que se converte numa força diante de seu próprio confronto. Isso significa que a vida que propiciou o objeto o enfrenta como algo hostil e estranho. (MARX, 1975, p.272)

O movimento de trazer o sujeito para o centro da análise se mostra ainda mais importante quando olhamos para o capital a partir dessa lente marxista. Em uma realidade em que o movimento da vida está tomado pela influência do capital e da mercadoria, as relações sociais são descentralizadas e substituídas pelas relações capitalistas. Dessa forma, se torna evidente a urgência de compreendermos o ser humano com toda a sua potência em uma pesquisa sobre o momento histórico específico em que vivemos.

Assim como uma aranha e uma abelha, somos capazes de colher, tecer e construir. Mas, de fato, somos muito mais que isso. A aranha, por sua vez, é a profissional da costura, fazedora de teias perfeitas e infinitas. Ela reproduz padrões e é assim que vive, ela produz incessantemente o mesmo trabalho e se dá por contente. Nós podemos também ser profissionais, também reproduzimos padrões, mas a nossa natureza permite



que a gente vá além. Na metáfora do que nos diferencia da aranha, Marx deixa claro que possuímos algo a mais. Algo que nos torna sujeitos. Segundo ele,

Uma aranha executa operações que recordam as de um tecelão, e uma abelha deixaria com vergonha, pela construção dos fios de sua teia, muitos trabalhadores da construção civil. Mas o que distingue positivamente a pior arquitetura do melhor trabalho da abelha é que o arquiteto constrói a sua estrutura na imaginação antes de erguê-la de verdade. No final do processo de trabalho, obtemos um resultado que já existia na imaginação do operário, no seu início. (MARX, 1965, p.178)

Podemos dizer que dentro dessa relação entre humanos e animais, os dois criam, os dois praticam ações e os dois fazem. Temos esse movimento em comum. Mas existe algo que nos diferencia, algo que separa o humano dos animais, o arquiteto da aranha. Segundo Holloway, nós, exclusivamente, somos de fato sujeitos extáticos (2003). Somos seres capazes de pensar além de nossos instintos, nos projetando para algo outro. Não fazemos só com o que está criado, fazemos também com o que ainda não foi criado, articulamos alternativas com o que pode ser e não só com o que é. Nós não existimos só em, mas também contra e mais além de nós mesmos.

No livro “Mudar o mundo sem tomar o poder”, o autor Holloway faz referência a metáfora da aranha descrita por Marx buscando dar destaque ao fazer criativo dos seres humanos. Diferentemente do fazer da aranha, nosso fazer possui criatividade. A aranha se fecha em seu círculo perfeito. Nós projetamos de forma consciente algo além do que existe, “vamos contra os limites do fechamento”. (HOLLOWAY, 2003, p.45) Somos capazes de nos movimentar para além da teia. Somos sujeitos, e a aranha, não. E por sermos sujeitos, temos subjetividades, projetamos conscientemente algo a mais.

Com base nas contribuições marxistas, entendemos que é importante buscar uma visão menos reducionista e mais dialética da realidade. Ao olharmos para o sujeito e seu fazer criativo, consideramos importante compreendê-lo não só como um objeto que constitui a realidade, mas sim como sujeito que ao mesmo tempo que produz, é também produto da atividade histórico geográfica.



O ser humano com um “fazer-que-é-um-ir-mais-além”, como nos lembra Holloway, é ativo e transformador pelo fato de estar fazendo sempre em coletividade. Certamente praticamos atos individuais, entretanto, é importante olharmos para ele através de seu viés coletivo e social.

O fazer é inerentemente social. O que eu faço sempre é parte do fluxo social do fazer, em que a condição prévia do meu fazer é o fazer (ou ter feito) dos outros, e que o fazer dos outros proporciona os meios do meu fazer. O fazer é inerentemente plural, coletivo, coral, comunal. (HOLLOWAY, 2003, p.46)

Concluimos, portanto, que não é possível imaginar um fazer destacado, em seu estado puro, o fazer está inserido na lógica da temporalidade do espaço, na materialidade dialética da realidade sendo parte ativa do fluxo social, que, por sua vez, está intrinsecamente relacionado à atividade. Dessa forma, para buscarmos compreender a realidade precisamos levar em conta seu caráter plural. Consideramos importante olhar para o fazer criativo através de um “nós” coletivo.

Entendemos que é preciso regredir e olhar para o cerne alienante do capital para buscarmos compreender quais rupturas ele provoca e de que forma essas fraturas atingem a nós mesmos e a realidade vivida. Em uma releitura da teoria marxista, o pensador Holloway justifica esse caminho, afirmando que “no capitalismo, o fato é separado do fazer e se volta contra ele. Essa separação do feito em relação ao fazer é o núcleo de uma fratura múltipla de todos os aspectos da vida.” (2003, p.53)

Para explicar esse movimento sobre o fazer no capital, o autor destaca dois conceitos que se tensionam constantemente nesse sistema: o poder-fazer e o poder-sobre. Entendendo poder simplesmente como faculdade, capacidade, habilidade; o poder-fazer é o que nós temos, é o subjetivo, o sujeito, é o fazer criativo. O fazer implica poder. A fratura do fluxo social do fazer ocorre com o rompimento do poder-fazer, transformando-o em seu antagônico, no poder-sobre.

É urgente colocarmos esse assunto como central pois a ruptura provocada ocorre não só sobre a nossa capacidade de fazer criativo, ela oculta as relações sociais em detrimento das relações capitalistas. Enquanto o processo de poder-fazer é um somatório de outros fazeres ao meu fazer, segundo Holloway, “o exercício do poder-sobre é a separação.” (2003, p.80) Traduzindo para a lógica capitalista marxista,



aqueles que detêm poder sobre os meios de produção exercem o poder-sobre o poder-fazer dos trabalhadores. O exercício do poder-sobre separa o fazer de sua criação, separa o sujeito do objeto, ao mesmo tempo que destaca esse objeto de sua concepção coletiva, formada pelo fluxo social dos fazeres.

Aqui nos interessa, portanto, essa problemática. A separação do sujeito do seu nexos social. A separação do sujeito da sua coletividade. O distanciamento do indivíduo de uma noção coletiva, de um “nós”. Buscaremos entender, como, ao romper o reconhecimento do fazedor em relação ao seu objeto, o fluxo do fazer é quebrado e a subjetividade é ocultada.

A alienação toma forma ao desumanizar, ao retirar o caráter de sujeito da realidade. Para Holloway, ao fazer com que a mercadoria exista a quem do trabalhador, distanciada de quem realizou a atividade, a alienação passa a dar vida própria ao objeto. Ao ser colocada no mercado, a mercadoria (o feito) quebra o fluxo social do fazer. Passa a ser o produto o que é reconhecido socialmente no processo de troca. Os que exercem esse poder-sobre a atividade dos outros negam a subjetividade dos fazedores, negam o seu fluxo do fazer, rompendo o reconhecimento dos fazedores em relação ao seu objeto.

Autores como Milton Santos, Lefebvre, Harvey, e tantos outros geógrafos e geógrafas de cunho marxista tiveram o cuidado de trazer esse debate para um estudo sobre a produção do espaço, ao entenderem o espaço como processo. Nos interessa aqui, portanto, buscar compreender de que maneira essa ruptura do fazer social está relacionada a produção do espaço e qual é o papel da alienação do sujeito no fazer social do espaço.

Lefebvre (1991), em seu texto, analisa que devemos deixar de pensar a temática do espaço a partir de um positivo simplificador, pois o mesmo negligencia as relações sociais e suas formas. Logo, uma teoria do espaço não deve reduzir o conceito (compreensão sobre uma palavra ou noção) a um objeto (que tem objetivo, um fim) e nem a uma soma de objetos, ela deve ser pensada a partir do movimento, da coesão e do sincronismo de atos, pois os mesmos implicam a produção do espaço.

Trazendo para a análise do fluxo social do fazer, entendemos que a leitura lefebvriana define o espaço como realização do “ser social” a partir de suas atividades.



Por estar passível a interferência humana (social), o caráter social do espaço implica, contém e dissimula as relações sociais, que começam a conquistá-lo e a subordina-lo.

Segundo Lefebvre (1991), para compreender o conceito proposto da produção do espaço, é fundamental dissipar as ideologias que mascaram o uso das forças produtivas e do modo de produção. Lefebvre (1991) dá destaque a essa corrente de pensamento pois, segundo ele, há uma tendência ideologicamente dominante que visa recortar o espaço tornando-o passivo, ignorando assim, as relações sociais implicadas nele. Deixando de olhar para a produção do espaço e as relações inerentes a essa produção, cai-se na armadilha. Essa armadilha tem como consequência a alienação do espaço, a ocultação do fluxo social de sua produção. “Transportados para fora de si, os corpos se esvaziam.” (LEFEBVRE, 1991, p.75)

Essa dialética é um caminho que Lefebvre faz em seu livro, “Produção do espaço”, buscando compreender que a produção do espaço, atravessada pelo capitalismo, produz um espaço focado na “produção-produto” e que tal relação faz com que dissimulemos o que ele representa a partir de significações simplistas, ocultando suas relações sociais, seu fazer criativo, rompendo o fluxo social do fazer, como se fossem coisas dependentes de alguma imagem mítica absolutista.

Lefebvre (1991) atenta que é preciso compreender que a representação exata de um espaço sempre será diferente do espaço de representação que as pessoas que o habitam tem em suas cabeças e que, por isso, ele faz parte da prática social e do conjunto de representações que torna o espaço, social, e não objeto. Para o vivido o espaço é a sua própria morfologia social, logo, para ele, o espaço é a sua própria forma, intimamente ligada às funções e estruturas sociais múltiplas.

Dessa forma, surgem indícios de que a alienação do espaço e sua produção dialogam diretamente com a alienação do fazer criativo, ou com a fratura do fluxo social dos fazeres, sendo a atividade das relações sociais o que está posto na dialética. Focar no sujeito, portanto, é ir contra essa lógica, e buscar alternativas à captura da subjetividade do ser social pelo capitalismo.

Na cidade moderna, marcada pelo comércio e pela capitalização dos espaços, o sujeito encontra barreiras, limites, e a cidade ganha função de distribuição de coisas, perdendo a sua capacidade de reprodução social. Dessa forma, o espaço da cidade, fruto



do processo urbano (dominado pelo capital), é também produto da negação do sujeito, da privação do humano, de sua desumanização.

Ao olharmos para os principais centros urbanos podemos identificar tensões provenientes dessa fratura. É no cotidiano dos espaços dominados pelo capital que a fratura do fluxo social dos fazeres é sentida. No caso do processo de urbanização brasileira, a segregação espacial provoca a exclusão das classes de menor poder aquisitivo da sociedade das áreas de maior circulação de capital, exigindo que esses sujeitos se locomovam diariamente por até duas horas, em média, para chegar ao trabalho; na “higienização” dos espaços, a remoção de favelas e de conjuntos habitacionais em áreas valorizadas pelo capital se mostra recorrente; e na privação do acesso aos espaços, a construção de espaços destinados ao turismo, como bares e shoppings de alto custo, exclui os seus habitantes dos usos do espaço. É sentido no dia a dia das ruas a negação do sujeito e sua privação.

Exatamente para irmos na direção contrária a esse movimento privativo e alienante é que buscamos nesse artigo ir ao encontro do sujeito criativo através do conceito do espaço. A palavra “espaço” enquanto conceito é complexa, indo da materialidade à subjetividade, permitindo o seu uso de maneira ampla e profunda. Segundo a geógrafa Massey (2004), a verdadeira possibilidade de qualquer reconhecimento sério da multiplicidade e da diferença depende ele próprio de um reconhecimento da espacialidade. A própria espacialidade é uma das dimensões da construção da diferença: “para que haja multiplicidade (e, por extensão, para que haja diferença) deve existir espaço.” Dessa forma, é imprescindível explorarmos esse conceito se buscamos existir além do que nos é imposto.

Na relação dialética entre o espaço e o sujeito, o caráter alienante do capital oculta certas concepções espaciais em detrimento de práticas mercadológicas. Os acessos, os usos e as produções do espaço se tornam restritas a determinado grupo, onde só aqueles que detêm capital podem existir em determinados espaços. Os limites são impostos e movimentos de gentrificação e de remoção de moradias tornam o cenário urbano exclusivo para alguns. As diferenças e as multiplicidades espaciais são ocultadas para que o espaço se torne mais uma forma de valorização do capital. Indo além do espaço físico, o processo capitalista invade todos os espaços, os dos sonhos e os da vida.



Buscando superar esses impedimentos, é importante dialogarmos com as proposições da geógrafa Doreen Massey sobre o conceito de espaço. Acreditamos que suas contribuições são radicais e contribuem para desvirarmos o mundo que está de cabeça para baixo por irem à raiz de uma definição genérica desse conceito que é múltiplo. Para ela, o espaço é um produto de inter relações, ou seja, é constituído através de interações sociais de múltiplas escalas, indo do global até o íntimo. Além disso, o espaço como esfera da multiplicidade, é a esfera na qual distintas trajetórias coexistem, possibilitando a existência de mais de uma voz, de múltiplas realidades. “Sem espaço não há multiplicidade e sem multiplicidade não há espaço. Se o espaço é indiscutivelmente produto de inter relações, então isso deve implicar a existência de pluralidades.” (MASSEY, 2004)

Por o espaço ser o produto de relações entre, relações que são práticas materiais necessariamente embutidas que precisam ser efetivadas, ele está sempre em um processo de devir, está sempre sendo feito e nunca está finalizado, nunca se encontra fechado. Ainda para ela, a verdadeira possibilidade de qualquer reconhecimento sério da multiplicidade e da diferença depende ele próprio de um reconhecimento da espacialidade. A própria espacialidade é uma das dimensões da construção da diferença, “para que haja multiplicidade (e, por extensão, para que haja diferença) deve existir espaço.” (MASSEY, 2004)

Acreditamos que ao dialogarmos com o conceito espaço é possível existirmos em múltiplas dimensões e pensarmos a partir do reconhecimento de outras realidades, tencionando o que existe e o que poderia existir. Ainda segundo Massey (1995), as identidades e as entidades, ou seja, as representações dos sujeitos e a relação entre elas e a espacialidade, são co constitutivas.

“O espaço é necessariamente parte integrante e produto desse processo de constituição. Não somente existe um paralelo entre a maneira de conceitualizar o espaço e a maneira de conceitualizar identidades e entidades (tais como sujeitos políticos), mas também o espaço é desde o início parcela integrante da constituição daquelas subjetividades políticas”. (MOUFFE, 1993 e 1995)

Dessa forma, dentro de um processo capitalista é essencial pensarmos sobre o espaço e suas representações e concepções para irmos ao encontro das subjetividades dos sujeitos que o co constituem. Além disso, é importante teorizarmos nesse aspecto



para que possamos ir além das relações capitalistas de produção pois, se ao produzirmos o espaço, produzimos a nós mesmos, é através de uma outra produção espacial que podemos nos construir para além do que nos aliena. Em um processo de constante devir, surgem indícios para a produção de um espaço que esteja mais de acordo com os nossos desejos e com a vida plena, livre da lógica da mercadoria.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conceito espacial, como teorizado por Massey (2004), Harvey (2012), Santos (1988), os geógrafos e geógrafas já citadas, entre outros, nos revela que o espaço vai muito além do que uma só forma, uma só realidade. Muito maior do que uma simples ferramenta para a acumulação do capital, o espaço também é o lugar das diferenças e da multiplicidade. Girando o mundo de ponta cabeça, e procurando olhar para o cerne alienante do capital, começamos a identificar brechas possíveis no meio desse sufocante sistema. Enquanto para Marx “O capital é trabalho morto que só se vivifica vampirescamente, sugando trabalho vivo, e vive tanto mais quanto mais deste sugar” (2011, p. 247, apud. GRESPAN, 1996), nós somos a fonte da vida. Pensamos que dependemos do dinheiro para sobreviver, mas, descolados da alienação, podemos pensar que o capital é quem depende da vida para existir.

David Harvey vê grande potencialidade no pensador Henri Lefebvre para pensar o processo urbano e a sua relação com a sociedade nos dias de hoje. O autor sugere que Lefebvre escreveu seu livro *Direito à Cidade* como uma lágrima e uma demanda. A lágrima, foi uma resposta a dor existencial de vivenciar uma crise do cotidiano da cidade. A demanda, representa um desejo de um movimento que crie vidas urbanas alternativas e menos alienadas, com mais sentido e mais divertidas, sem se afastar da dialética e do conflito do espaço aberto ao encontro e a tensões, sempre presentes nos pensamentos de Lefebvre (HARVEY, 2014).

O direito à cidade representa então, um projeto utópico de transformação do viver a cidade, tendo como horizonte o fim das privações. É um projeto social que busca romper com as fissuras da relação da sociedade com o espaço e que busca refundar o



humano, o ser poético e criativo. “Este livro deseja romper os sistemas, não para substituí-los por um outro sistema, mas para abrir o pensamento e a ação na direção de possibilidades que mostrem novos horizontes e caminhos” (LEFEBVRE, 2016, p. 12).

Sendo o lugar onde se manifesta a vida, o espaço é produto, condição e meio da realização da sociedade (CARLOS, 2001). Seja no campo ou nas cidades, movimentos como o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) e o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) buscam, através de práticas espaciais, (re)afirmar seus direitos mostrando compreender a potência que nós, sociedade, temos em relação a produção do espaço que habitamos. Em um mundo em que a propriedade privada vale mais do que uma vida, buscar dialetizar e expandir a compreensão dos processos espaciais é um movimento de resistência e luta. Criam-se novos movimentos de humanização e subjetificação no ser e no espaço.

Mudar a vida radicalmente seria estabelecer relações sociais não mediadas pela forma mercadoria. Os Situacionistas, dialogando com o que propomos aqui, sonhavam com o fim do trabalho e a realização da vida como poesia. Acreditamos então que as contribuições de diversos pensadores e pensadoras que tem como objetivo em comum a reflexão sobre o sujeito criativo no mundo do capital nos abre possibilidades para tensionarmos as urgências e as utopias. Vinculando a teoria com a prática, abrimos possibilidades no cotidiano para irmos na direção contrária do movimento do capital.

## REFERÊNCIAS

BENEDITO, Gustavo Godinho. **O "epistemicídio" do espaço na modernidade e a reconstrução epistemológica desse conceito a partir da metafilosofia**. 2013. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A condição espacial**. São Paulo, Contexto, 2011.

GRESPLAN, J. **A desmedida da crise**. In: Revista Discurso, 1996.



HARVEY, David. **Cidades rebeldes: Do direito à cidade à revolução urbana.** São Paulo: Martins Fontes, 2014.

\_\_\_\_\_. **A produção capitalista do espaço.** São Paulo: Annablume, 2005.

HOLLOWAY, John. **Mudar o mundo sem tomar o poder.** São Paulo: Viamundo, 2003.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana.** Belo Horizonte: UFMG, 1999.

\_\_\_\_\_. **The production of space.** Oxford, UK: Blackwell, 1991.

\_\_\_\_\_. **Espaço e Política.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LIMA, Elias Lopes de. **Encruzilhadas Geográficas: notas críticas sobre a compreensão do sujeito em geografia.** 2013. Tese (Doutorado) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos.** São Paulo: Boitempo, 2004.

\_\_\_\_\_. **O capital.** Vol. I. São Paulo: Boitempo, 2011.

MASSEY, Doreen B. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

\_\_\_\_\_. **Filosofia e política da espacialidade: algumas considerações.** *Geographia*, ano 6, n. 12, Rio de Janeiro. Dez. 2004.

\_\_\_\_\_. **Thinking radical democracy spatially.** *Environment and Planning D: Society & Space* 13. 1995.